



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

PARA ALÉM DA TRADIÇÃO: UM ESTUDO SOBRE A TRANSITIVIDADE VERBAL

Simara Silva Pereira Carreiro
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: maraually@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É inegável a contribuição da Tradição Gramatical, doravante TG, para os estudos sobre a língua. Apesar de sua gênese ter ocorrido na distante, geográfica e temporalmente, Grécia Antiga, a concepção de linguagem estruturada e ensinada nesse ambiente chegou até os brasileiros transitando por mares longínquos e ganhando forma nas lições dos jesuítas que aqui desembarcaram. A herança que essa Tradição deixou para os usuários da Língua Portuguesa é tão forte que, apesar dos quase 23 séculos passados, ela ainda reina quase que soberana nas escolas, permeando valores no ensino de língua materna.

Motivados por essas questões, trazemos um recorte do traço Polaridade, um dos dez parâmetros relativos à Transitividade Verbal segundo a abordagem feita pelo Funcionalismo Linguístico norte-americano, discutidos na dissertação em andamento, do Mestrado Profissional em Letras, que objetiva apresentar uma nova abordagem para o ensino da transitividade verbal à luz do Funcionalismo e se justifica na medida em que a Transitividade Verbal no Brasil ainda tem seu estudo centrado nos aspectos formais da TG que, a rigor, limita esse fenômeno linguístico ao analisar a língua em um plano estritamente sintático e semântico, formal. De forma mais específica, este trabalho visa discutir como a Polaridade Negativa é realizada e compreendida pelos alunos do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal da cidade de Barra da Estiva.

METODOLOGIA

Nesta pesquisa de natureza quali-quantitativa, inicialmente, buscamos sondar o conhecimento dos alunos sobre o fenômeno da Negação, problematizando a questão. Em seguida, aplicamos um Teste contendo sentenças com diferentes formas de negação comumente expostas aos jovens e/ou por eles utilizadas e que poderiam ser analisadas com base em diversos critérios: sintático, semântico e pragmático-discursivo, com o

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

intuito de identificar como os alunos percebem as relações de sentido da negação em diferentes construções. Por fim, sistematizamos as informações e proporemos uma análise comparativa entre a Negação apresentada pela TG e o estudo da Polaridade pelo viés do Funcionalismo Linguístico e como as duas abordagens poderiam contribuir para o desempenho dos alunos em processos interativos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O termo Polaridade é derivado do vocábulo “polar” que significa, conforme o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, algo que apresente “[...] aspecto ou características opostas”. Em se tratando do traço Polaridade na abordagem de Hopper e Thompson (1980), essa característica oposta se relaciona à dicotomia afirmativa e negativa. Segundo os autores, a Polaridade pode ser definida como a presença ou a ausência da negação e isso determinará se a sentença é, a princípio, efetivamente, negativa ou positiva, respectivamente. Como a forma prototípica da Polaridade na Língua Portuguesa é a afirmação, as sentenças positivas são consideradas mais transitivas do que as sentenças negativas na análise realizada por Hopper e Thompson (1980).

A princípio, essa definição parece simples, mas é possível observar que não há um consenso sobre a questão da negatividade na Língua Portuguesa. Uma das possibilidades é a presença de palavras de cunho negativo na oração, em que geralmente um elemento da estrutura frasal encerra essa ideia. Outra é a organização pragmática da sentença que dependerá, dentre outras coisas, do conhecimento prévio dos interlocutores sobre o que se diz, podendo se estruturar por meio de locuções ou expressões.

Quando analisamos o fenômeno da negação sob a perspectiva da TG, percebemos que ele é limitado à categoria dos advérbios e, como tal, denota uma circunstância e desempenha a função de adjunto adverbial de negação na oração. Essa ideia é compartilhada por Bechara (2000), Cunha e Cintra (2008), Cegalla (2008) dentre outros.

Estudos mais recentes nos mostram que a negação também é abordada, ainda que em menor escala, na classe dos pronomes indefinidos “ninguém”, “nada”, “nenhum”; e nas palavras denotativas presentes nos estudos de Rocha Lima (2011) “não”, “qual nada”.

Para a abordagem que pretendemos empreender na linguística, tomamos como principal referência os estudos de Neves (2000), já que a autora apresenta uma proposta



de estudo detalhado do fenômeno da negação pelo viés funcionalista. Para a autora, a partícula “*não*” é vista como o principal operador da negação, mas não é o único. Ela insere os elementos adverbiais “*nunca*” e “*jamais*” (avaliados como advérbios de tempo por gramáticos como Cunha e Cintra (2008) e as formas pronominais “*ninguém*”, “*nada*” e “*nenhum*”, além de verbos com significados negativos como “*recusar*”, “*impedir*” e “*abster-se*”, associando aos níveis sintático e semântico o nível pragmático, de forma a ressaltar o caráter interacional do discurso e as escolhas realizadas pelos interlocutores para fornecerem informações e se comunicarem.

Considerando as discussões teóricas apresentadas anteriormente, procuramos contemplar em nosso estudo sentenças utilizadas pelos interlocutores em situações interativas cotidianas e que se aplicam às situações apresentadas pelos estudiosos da língua, gramáticos ou linguistas, citados na pesquisa. Por meio das sentenças selecionadas para estudo, pudemos depreender os seguintes resultados:

Tabela 01 – Síntese das construções e sentenças analisadas pelos informantes

	CONSTRUÇÕES E SENTENÇAS	P	N	O	NR
1. Negação explícita (construções marcadas)	I – “Eu não fiz a tarefa.”	03	22	-	-
	II – “Não quero falar com ele, não.”	03	22	-	-
2. Expressões negativas apresentadas pelos estudos Funcionalistas	I – “O aluno deixou de ir à escola porque estava doente.”	11	14	-	-
	II – “Ele recusou o meu pedido.”	08	16	01	-
	III – “Ele é um sem-teto.”	12	11	02	-
	IV – “Meus pais me impediram de ir à festa de micareta”	06	16	03	-
	V – “Ninguém me compreende.”	11	13	01	-
	VI – “Jamais irei contigo, pois o seu mundo é muito grande!”	09	16	-	-
3. Construções com dois elementos que apresentam sentido de negação.	I – “Não há ninguém na escola.”	09	14	01	01
4. Coocorrência de elementos com valor negativo para efeito de afirmação (dupla negação)	Construção (A) “ Não há ... + que/quem não... ”	P	N	O	NR
	I – “ Não há aula que não recebamos reclamações dos alunos.”	16	09	-	-
	II – “ Não há quem não chore em velório de criança.”	23	02	-	-
	Construção (B) “ Não ... + deixou de... ”	P	N	O	NR
	I – “Não posso deixar de ouvir suas queixas.”	15	09	-	01
	II – “O aluno não deixou de ir à escola porque estava doente.”	21	04	-	-
	Construção (C) “ Não ... + IN-... ”	P	N	O	NR
	I – “Não me sinto insatisfeito com seus resultados.”	13	08	02	-



5. Expressões com sentido negativo dependente do contexto pragmático-discursivo	I – “Deus me livra!”	06	19	-	-
	II – “Tá doido!”	03	21	-	01
	IV – “Cai fora!”	03	22	-	-
	LEGENDA: P (valor positivo) – N (valor negativo) – O (outro valor) – NR (não respondeu)				

Fonte: Elaborada pela pesquisadora

Foi possível observarmos que a negação explícita marcada, com ou sem duplicação do “não”, foi a mais percebida pelos informantes, 88% deles. Em seguida, encontram-se as expressões com sentido negativo dependente do contexto pragmático-discursivo, oscilando entre 76% a 88% o número de informantes que identificou o valor negativo para expressões que não expressam negatividade fora do contexto.

Merecem destaque, ainda, as expressões negativas apresentadas pelos estudos funcionalistas em que 64% dos informantes atribuíram o valor negativo para as construções que envolvem verbos com significados negativos e elementos adverbiais como “jamais”. Por outro lado, foram menos expressivas as sentenças relacionadas a) a expressão “deixar de”, em que 56% dos informantes perceberam o sentido negativo; b) aos pronomes indefinidos, 52%; c) ao uso de “prefixos negativos” (*sem-*), 44%.

Quanto às construções em que há coocorrência de elementos com valor negativo para efeito de afirmação, verificamos que os informantes oscilaram suas respostas, apresentando valores diferentes para construções que obedecem ao mesmo padrão, mas ainda assim houve o predomínio do valor positivo sobre o negativo em construções como: “Não há ... + *que/quem não...*”/“Não ... + *deixou de...*”/“Não ... + *in-...*”.

CONCLUSÕES

A pesquisa nos mostra que as abordagens gramaticais e linguísticas em relação à Negação foram percebidas de forma similares e iguais em algumas sentenças pelos informantes, o que nos permite afirmar que elas não se excluem, mas se complementam quando a questão em jogo é a interação comunicativa.

É inegável que o traço Polaridade e seus desdobramentos em afirmativo e negativo contribuem para a compreensão da língua e suas diversas formas de realização e que o fenômeno da negação, bem como suas estratégias de realização, deve ser mais investigado para que a língua se torne mais compreendida e reconhecida em sua dinamicidade,



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
VITÓRIA DA CONQUISTA

**15 a 18
outubro
2019**

criatividade e “individualidade coletiva”. A compreensão desse traço não só permite a análise da transitividade como também a leitura e interpretação/compreensão fluente do texto, já que não só as sentenças marcadas pelo “não” determinam o valor negativo de um elemento ou de todo um contexto. É preciso, assim, rever que a Polaridade pode ser também compreendida por meio de um *continuum*.

PALAVRAS-CHAVE: Polaridade; Funcionalismo Linguístico; Operadores de Negação.

REFERÊNCIAS

COELHO, Katiane de Carvalho. Polaridade. In: ABRAÇADO, Jussara; KENEDY, Eduardo. (Orgs.). **Transitividade traço a traço**. Niterói: Editora da UFF, 2014.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. **Transitivity in grammar and discourse**. *Language* v.56, n.2 – jun, p. 251-299, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011.

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO